

## **Modus vivendi - comunidade TerraNostra**

Maria Isabel de Araújo<sup>1</sup>; Silas Garcia Aquino de Sousa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>. Administradora, MSc em Sociedade e Cultura na Amazônia. Discente da Universidade Federal do Amazonas -PPGCASA/UFAM, Manaus/AM. mbelaraujo@gmail.com

<sup>2</sup>. Agrônomo, Dr. em Engenharia Florestal/Conservação da Natureza, Pesquisador na Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus/AM. silas.garcia@embrapa.br

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho foi delinear o *modus vivendi* na comunidade TerraNostraZF5-DAS, Manaus/AM, na configuração socioambiental dos sistemas agroflorestais (quintais biodiversos) que formam arranjos com espécies florestais frutíferas perenes, agrícolas temporárias, associadas a criação de animais. Utilizou-se na metodologia o estudo de caso, pesquisa *in loco*, primeiro quadrimestre/2022. Os resultados demonstraram o fortalecimento do espaço agroalimentar como alternativas na produção de base agroecológica e geração de renda. Conclui-se que a comunidade apresenta elementos basilares da tríade do processo civilizador no contexto histórico-cultural da sustentabilidade, constituindo-se, no Modus vivendi associado ao Modus operandi e faciendi.

Palavras-chave: Assentamento, agricultores familiares, produção ecológica.

### **Introdução**

O modo de produção socioeconômica dos seres humanos revelam configurações, como produto da dinâmica de suas forças produtivas materiais, independente e necessária a sua vontade, enquanto prática cultural pela transmissão de conhecimento de geração em geração no decurso do processo civilizador, cujo legado da memória biocultural é expressa nas práticas e vivências cotidianas, geradoras estas de *modus operandi*, *faciendi* e *vivendi* do espaço (habitat e agroalimentar).

Neste contexto, a partir da década do ano de 2010, um grupo de famílias de agricultores, ocupou espontaneamente uma gleba de terras, cerca de mil hectares, com lotes de 20 hectares cada um, na BR 174. Km 83, área do Distrito Agropecuário da Suframa (DAS), cujo assentamento foi denominado Comunidade TerraNostra. Ressalta-se que a referida área esta sobreposta na Área de Proteção Ambiental Margem Esquerda do Rio Negro Setor Aturiá/Apuauzinho-APAMERN-SAA, no caso desta pesquisa, dentre as categorias de UC. Contudo, desde a criação da APAMERN-SAA, a gestão e manejo não foram implementados plenamente, conforme determina o Art. 15 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). A Área de Proteção Ambiental caracteriza-se como sendo uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana [...]. (BRASIL, 2000).

Grande parte desse contingente retornaram as atividades de origens, filhos e netos de agricultores da hinterlândia amazônica, versados na tríade de controles básicos do processo civilizador: a compreensão e controle da natureza (terra), o autocontrole (familiar, garantia de soberania alimentar), as relações sociais (trabalho coletivo, solidário em regime de ajuri) no uso e manejo do bioma amazônico, estabelecendo assim, uma configuração (tríade) de interdependência na ocupação das áreas do DAS - espaço de moradia - relações sociais - trabalho e produção sustentável.

A prática do ajuri, segundo Araújo (2019), impulsiona o viver por/entre todos os elementos que o compõem na rede de interdependência, quer seja ambiental, social e econômico, diante da ausência de políticas públicas na comunidade. São relações práticas que compõem o trabalho coletivo e solidário em ajuri. Uma vez que os agricultores familiares tradicionalmente ocupam a terra com a prática de corte e queima da floresta para fins agrícolas, cultivam roçado de mandioca e deixam a terra em pousio, para regeneração da floresta, como uma das alternativas aos sistemas de uso do solo, envolvendo culturas de ciclo curto. Entretanto, quando desejam permanecer na terra, praticam o cultivo de médio e de longo período de tempo, com o policultivo denominado de agrofloresta.

Os sistemas agroflorestais (SAFs) são uma das alternativas sustentáveis, cujas espécies arbóreas, frutíferas ou florestais desempenham papel importante na permanência de uso do solo por um longo período de tempo, demarcando a posse da terra com benfeitorias de plantio de espécies perenes.

Nesse sentido, a relevância dessa pesquisa está em apresentar, dentro da territorialidade da Comunidade, a valorização dos *modus operandi*, *faciendi* e o *vivendi* dos agricultores familiares, ou seja, seus processos de realização social, econômico e ambiental, nas áreas produtivas dos

policultivos agroflorestais. Tendo em vista que esses agricultores familiares desenvolvem atividades resultantes de experiências tácitas, práticas preservadas e compartilhadas da memória biocultural, transmitidas de geração a geração, valorando a (re)produção de conhecimentos, troca de experiências, fortalecendo a produção de agricultura de base ecológica buscando atender o tripé da sustentabilidade entre os comunitários.

Este trabalho objetivou delinear a configuração do *modus operandi*, *faciendi* e *vivendi* (cujos termos estão desassociados da interpretação jurídica) dos agricultores familiares, abordando as relações singulares de trocas de saberes existente na Comunidade TerraNostra.

## Material e Métodos

### Caracterização da área estudada

A coleta de dados foi realizada na Comunidade Rural TerraNostra, com acesso pelo Km 83, da BR 174, coordenadas geográficas a 2°10'46.7"S 60°13'25.2"W, zona rural da cidade de Manaus, área do DAS - Distrito Agropecuário da Suframa - Superintendência da Zona Franca de Manaus. Originalmente essas terras foram cedidas pela Suframa para grandes fazendas com mais de dois (2) mil hectares, para criação de gado, plantios de seringueira, guaraná, laranja e dendê. Os fazendeiros desmataram cerca de 200 mil hectares e retiraram madeira para exploração. No final da década de 1990 os fazendeiros abandonaram as terras da Suframa, pelo insucesso do empreendimento no DAS. A partir de 2010, trabalhadores diretos e indiretos do Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), desempregados e sem perspectivas de emprego urbano, população oriunda principalmente da hinterlândia amazônica, filhos e netos de agricultores tradicionais da Região Norte, ocuparam espontaneamente a área do Distrito Agropecuário da Suframa, para a prática de agricultura familiar. Atualmente cerca de 150 famílias moram e trabalham com atividade agrícola na Comunidade TerraNostra, cultivando a terra em lotes situados nas vicinais secundárias das antigas fazendas, reincorporando as áreas desmatadas, abandonadas e degradadas ao processo produtivo com sistemas agroflorestais agrobiodiversos, associados a criação de pequenos animais.

### Metodologia do estudo

Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, insere-se na categoria de estudo de caso (ARAÚJO *et al.* 2008) com pesquisa de campo *in loco*, aliado a técnica DSC - Discurso do Sujeito Coletivo (LEFEVRE *et al.* 2003). Cujas técnicas consistem em viés qualitativo com base em respostas/depoimentos individuais de uma mesma categoria ou grupo, coletados nos discursos-síntese individuais, expressando o pensamento da coletividade como emissor do discurso.

Realizamos, neste caso, a partir dos discursos individuais as ideias principais dos participantes da pesquisa, gerando uma fala única, um pensamento coletivo acerca dos questionamentos do *modus operandi*, *faciendi* e o *vivendi* durante as entrevistas. Os relatos de experiência e vivência foram obtidos na comunidade no primeiro quadrimestre de 2022.

## Resultados e Discussão

A comunidade esta assentada numa gleba de terras pertencente a SUFRAMA, totalmente desprovida de serviços públicos essenciais (energia elétrica, água, posto de saúde, transporte, tratamento de esgoto, coleta de lixo, telefonia dentre outros). Os comunitários, solidariamente compartilham o transporte coletivo, troca de serviços em sistema de trabalho coletivo, social, solidário identificado como ajuri, à captação d'água é feito por bomba d'água, com gerador a diesel local, do córrego natural de água (igarapé) próximo das propriedades e coleta de água da chuva, armazenadas em caixas d'água, a energia elétrica provem dos geradores de energia de combustível fóssil, porém, algumas propriedades, utilizam energia com placas solares.

Neste assentamento os agricultores delimitaram um lote de terra para sede da comunidade, com espaço para escola, centro social, posto de saúde, igrejas..., onde a maioria dos agricultores possui uma pequena área para construção de casa e área de quintal agroflorestal com a criação de patos, galinhas e porcos, para consumo da família. Por outro lado, os demais agricultores moram no lote de atividade econômica, área que varia de 20 a 25 hectares, onde cultivam o roçado de mandioca, produzem farinha e praticam sistemas agroflorestais agrobiodiversos.

As atividades agrícolas na área ao redor da casa, denominada de quintal agroflorestal, assumem também um caráter produtivo-econômico e ambiental, pois compreende um sistema de plantio consorciado com várias espécies arbóreas de frutíferas, hortícolas, plantas medicinais, ornamentais dentre outras espécies. Cultivam sem adição de agrotóxicos, os tratamentos culturais de podas e esterco animal são frequentes e utilizados no manejo para compostagens e fertilizantes naturais.

Estão organizados socialmente em torno da Associação dos Agricultores da Comunidade TerraNostra ZF5 – AACTN, que proporciona o fortalecimento dos agricultores familiares junto à organização com reuniões, palestras de incentivos a produção, cursos, aquisição de sementes e mudas, com apoio das Instituições de Assistência Técnica e Extensão Rural (IDAM), de pesquisa (Embrapa), e de ensino (IFAM, UFAM, UEA) e a reprodução sociocultural com apoio de igrejas evangélicas e católica.

As experiências no *modus operandi*, *faciendi* e *vivendi* valoriza a (re)produção do conhecimentos etnobotânico, como sistema dinâmico na comunidade, junto a troca de experiências e informações nos modos de cultivo (diversidade de técnicas na produtividade e conservação dos solos) e colheita entre os agricultores da comunidade.

Os saberes herdados predominam na base do processo civilizador, para tal argumento, recorremos a Norbert Elias (1994): Até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de convivência com seus pais.

Interessante notar que os agricultores estão condicionados as estruturas externas da hinterlândia amazônica, enquanto espaço de moradia, diante da ausência de políticas públicas, formadas nas distintas redes de relações de interdependência (indivíduo *versus* sociedade) resultante da estrutura de entrelaçamentos de funções e lugares dentro de um conjunto maior - através de suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras [...] constituindo teias de interdependência ou configurações de muitos tipos. (ELIAS, 1980).

Características estas, ocorridas no curso do processo civilizador, cujas rotinas, presente nas atividades de uso e manejo da natureza, expressas implicitamente na vida desses agricultores familiares os *Modus operandi*, *Modus faciendi* e *Modus vivendi*. Sob este ponto de vista, Almeida *et al.* (2006), relaciona cinco eixos à garantia da segurança alimentar a) a saúde humana; b) hábitos de salubridade na produção agroecológica (sem uso de agroquímicos); c) a dinâmica do ecossistema natural (uso da biomassa gerada na propriedade como valor nutricional nas atividades agrícolas); d) autenticidade (produção e valorização dos produtos regionais); e) a solidariedade (trabalho coletivo, social em regime de ajuri).

Neste contexto, Caporal e Costabeber (2003) ressaltam que se deve investir na produção de uma agricultura ecológica conforme os costumes regionais, compatível com a heterogeneidade dos agroecossistemas, conhecimentos locais e tecnologias menos agressivas aos ambientes naturais. Nos espaços dos lotes agricultáveis revelam o conhecimento e as práticas familiares no uso e manejo da biodiversidade em cada um deles, considerando os recursos e técnicas próprias, em função da realidade por eles enfrentada.

Neste estudo de caso, *Modus operandi* - compreende o manejo da paisagem com o corte e queima da capoeira (vegetação secundária em estágio de regeneração ou pousio) com finalidade de fertilizar o solo com nutrientes da matéria orgânica da vegetação, incrementando com esterco animal e compostagem orgânica para o plantio de roça de mandioca, frutíferas, hortícolas e demais espécies de produtos florestais madeireiros (PFM) e não madeireiros (PFNM);

*Modus faciendi* – compreende a maneira de plantio, uso e manejo do espaço produtivo, integrado ao extrativismo vegetal e a agricultura, com plantio de espécies agrícolas e florestais, gerando garantia de segurança alimentar, conservação da diversidade genética e fins econômicos com plantio de: *Pouteria caimito* (abiu), *Persea americana* (abacate), *Cucurbita moschata* (abóbora - jerimum), *Euterpe oleracea* (açai), *Eugenia stipitata* (araçá-boi), *Oenocarpus bacaba* (bacaba), *Platonia insignis* (bacuri), *Musa paradisiaca* (banana), *Ipomoea batatas* (batata), *Annona mucosa* (biriba), *Bertholletia excelsa* (castanha-da-amazônia), *Theobroma grandiflorum* (cupuaçu), *Anacardium occidentale* (caju), *Averrhoa carambola* (carambola), *Dioscorea alata* (cará-roxo), *Petroselinum crispum* (chicória regional), *Psidium guajava* (goiaba), *Inga edulis* (Ingá), *Syzygium jambos* (jambu), *Acmella oleracea* (jambú), *Genipa americana* (jenipapo), *Citrus sinensis* (laranja), *Citrus limon* (limão-comum), *Artocarpus altilis* (fruta-pão), *Carica papaya* (mamão), *Manihot esculenta* (mandioca e macaxeira), *Mangifera indica* (manga), *Bactris gasipaes* (pupunha), *Astrocaryum aculeatum* (tucumã), *Spondias mombin* (taperebá), *Bixa orellana* (urucu) dentre outras espécies de plantas medicinais, plantas alimentícias não convencionais (PANC) e a criação de pequenos animais;

*Modus vivendi* – Configuram-se na relação simbiótica como elemento *sine qua non* de convivência com o espaço natural que fundamentam seu *modus vivendi* de existência tradicionais (social, cultural, religioso e econômico), revelados nas diversas formas simbólicas, as habitações em geral são construções rústicas de madeira, suspensas do solo, cobertas de zinco ou telhas de amianto. As mulheres cuidam da casa, alimentação, trabalham nos plantios das hortícolas ao redor

da casa e na lide com as criações dos animais, das trocas de produtos e ajudam os homens em quase todas as atividades agrícolas.

Os homens executam o corte e queima, preparo do solo, plantio dos roçados, da caça e pesca da colheita dos frutos, fabricação de farinha, da comercialização e da questão política social da organização social. A maior parte da produção é para o consumo da família o excedente é comercializado na comunidade e exportado para os consumidores da cidade de Manaus e Presidente Figueiredo.

Por conseguinte, a centralidade comunal (relações de parentesco e/ou compadrio) associam-se as práticas de ajuri, quer sejam, sociais culturais, religiosas, modos de produção no sistema agroalimentar (viabilidade econômica) em que reside a singular identificação de pertencimento a mesma cultura.

## Conclusões

Desta maneira, encontramos nos relatos de experiências e vivências dos agricultores familiares, forte interação com o espaço natural que os rodeiam, elementos basilares da tríade do processo civilizador no contexto histórico-cultural da sustentabilidade: - social (interações sociais - reuniões, festas, práticas do trabalho coletivo social); - ambiental (manejo dos recursos naturais – solo, vegetação e água) práticas de agricultura ecológica e sustentável (agrofloresta agrobiodiversa, sem o uso de agroquímicos e agrotóxicos) e - econômica (geração de renda da agricultura familiar, circuitos curtos de comercialização (CCC) e venda direta ao consumidor) revelando o fortalecimento do espaço agroalimentar característico da agricultura familiar.

A comunidade do TerraNostra, construída principalmente com indivíduos oriundos da hinterlândia amazônica, conduz na memória biocultural os saberes e experiências da ancestralidade dos povos amazônicos reconstruindo a paisagem em espaço de vivência e convivência com a biodiversidade da Amazônia, constituindo-se, portanto no *Modus vivendi* associado ao *Modus operandi* e *Modus faciendi*.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, L.M.C. de; FERRANTE, V.L.S.B.; PAULILLO, L.F. Redes alternativas de proteção social no território citrícola paulista. **Anais...** XII Congresso Brasileiro de Sociologia, UFMG, 31 de maio a 03 de junho de 2005, Belo Horizonte. In: Anais..., Belo Horizonte, 2005. CD-ROM

ARAÚJO, C. PINTO, E.M.F., LOPES, J.; NOGUEIRA, L.; PINTO, R. **Métodos de investigação em educação**: estudo de caso. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em: [http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo\\_caso.pdf](http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf). Acesso em: 20 mar. 2022.

ARAÚJO, Maria Isabel de. **AJURI**: O saber tradicional dos agricultores familiares no contexto amazônico. 2019. 240 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais - Universidade Federal do Amazonas - Manaus (AM), 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **SNUC** – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002; Decreto nº 5.746, de 5 de abril de 2006. Brasília: MMA, 2011.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. Segurança alimentar e agricultura sustentável: uma perspectiva agroecológica. **Ciência e Ambiente**, Santa Maria, v.1, n.27, p.153-165, jul/dez, 2003.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1994

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Tradução Maria Luiza R. Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.